

BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. (Série Estratégias de Ensino, 28). ISBN: 978-85-7934-056-7. 293 p.

Resenhado por Francisco Vieira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba

Nas últimas décadas, os estudos desenvolvidos no âmbito da Linguística Aplicada têm apontado para a necessidade de se efetuar uma série de reordenamentos teórico-metodológicos para a prática pedagógica do docente de Língua Portuguesa, com vistas a ofertar um ensino de qualidade ao alunado brasileiro, cujos índices de rendimento escolar ainda são considerados insatisfatórios, se cotejarmos com os níveis obtidos por estudantes de países mais abastados ou em desenvolvimento. Prova disso são os resultados provenientes do último IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), os quais, a despeito de demonstrarem um aumento no índice relativo ao primeiro ciclo do ensino fundamental, evidenciam que o mesmo não pode ser dito em relação ao ensino médio, cuja meta (3,9 pontos), projetada pelo Ministério da Educação, não foi cumprida. Diante de tal cenário, matematicamente projetado, em que pesem as críticas dirigidas às avaliações em larga escala, é preciso reconhecer o papel que estes dados exercem na constituição de um aparato teórico-metodológico e de uma formação docente voltados para dirimir estes problemas.

Dessa maneira, germinam na academia uma gama de pesquisas, desenvolvidas a partir de uma diversidade de propósitos, com o objetivo de problematizar o ensino de Língua Portuguesa. Por outro lado, é preciso que haja uma certa equidade na distribuição destes estudos em relação aos níveis educacionais investigados, de modo que, por exemplo, as especificidades do ensino médio sejam devidamente contempladas. A obra focalizada nesta resenha insere-se no esteio dessa discussão. Organizado por Clécio Bunzen e Márcia Mendonça, o referido livro toma como aspecto nevrálgico a

adoção de uma perspectiva de ensino que enfoca o caráter múltiplo das práticas sociais de linguagem, incrustado nas diferentes semioses da sociedade contemporânea, cujas modificações, do ponto de vista das práticas de letramento, são inalienáveis nestes primeiros tempos do século XXI. Partindo desse pressuposto, a obra em análise oportuniza, nos onze capítulos que a compõem, debates prolíficos em torno da discussão e proposição de estratégias de ensino e aprendizagem em conformidade com as múltiplas linguagens existentes na sociedade.

Nesta resenha, pretendemos observar os modos através dos quais os capítulos estão organizados, com vistas a contemplar o efeito de unidade pretendido pela proposta, assinalando, pois, o diferencial do livro, em relação à diversidade de publicações vindas a lume no circuito acadêmico brasileiro. Indubitavelmente, um dos aspectos positivos da obra consiste na articulação dos aspectos teóricos com a proposição de atividades didáticas. Em todos os capítulos, evidencia-se essa peculiaridade na composição do material, fazendo com que o livro não apresente apenas um viés de ordem teórico-analítica, mas direcione caminhos para o docente empreender suas atividades de ensino, considerando as demandas escolares. Apesar de a obra estar dividida em duas partes, respectivamente intituladas de *Concepções* e *Ações Didáticas*, é imperioso reconhecer que a primeira parte, conforme se poderia supor, não se centra somente sobre os aspectos teóricos, como também fornece uma série de reflexões plenamente aplicáveis em sala de aula.

Empreenderemos um olhar analítico sobre todos os capítulos, com vistas a reconhecer as especificidades de cada um na concepção da obra. No primeiro capítulo, intitulado de “Multimodalidade, gênero Textual e leitura”, Angela Paiva Dionísio e Leila Janot de Vasconcelos discutem o fenômeno da multimodalidade “[...] como traço constitutivo dos gêneros textuais e como recurso metodológico, apresentando algumas razões pelas quais os professores devem atentar para tal fenômeno [...]” (p. 22). Para alcançar esse objetivo, as autoras

partem da perspectiva teórica do gênero como ação social, dos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, bem como de uma discussão que recobre as particularidades do processamento cognitivo de textos multimodais, a serem consideradas pelo docente no planejamento e execução de atividades em que os textos multissemióticos são tomados como objetos de estudo. Nessa hibridez do ponto de vista conceitual, as autoras defendem que o docente precisa fazer com que os alunos atentem para a diversidade de propósitos e os efeitos de sentido decorrentes da composição de um texto com variados recursos semióticos.

O capítulo seguinte — “Multimodalidade, capacidade de aprendizagem e leitura” — escrito por Leila Janot de Vasconcelos e Angela Paiva Dionísio, aborda as principais funções neuropsicológicas envolvidas no ato de aprender. Para tanto, as autoras ilustram o funcionamento dessas funções a partir do exame de questões do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), as quais são pautadas pela estreita relação entre informações verbais e visuais, o que demanda, portanto, a mobilização de uma série de funções neuropsicológicas. Da análise realizada neste capítulo, depreende-se que as atividades desenvolvidas em sala de aula necessitam estar atreladas a um viés que considere os multiletramentos no cerne da sociedade contemporânea.

Posteriormente, no capítulo intitulado “Projetos de letramento no ensino médio”, Angela B. Kleiman, Rosana Cunha Ceniceros e Glícia de Azevedo Tinoco encorajam um debate em torno da pedagogia de projetos, conforme preconizada por John Dewey, na confluência com uma discussão acerca das múltiplas práticas de letramento. Ao constatarem uma lacuna no que tange à inexistência de proposições sobre a pedagogia de projetos nos documentos regulamentadores do ensino, como os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), as autoras advogam a favor de uma metodologia que contemple a realização de projetos de letramento, considerando as particularidades das práticas sociais de linguagem e a função social da escrita. Para efeito de

exemplificação, o capítulo relata uma experiência realizada numa escola pública do interior de São Paulo, na qual se desenvolveu um projeto de letramento, configurado a partir da criação de um jornal escolar. Os multiletramentos subjacentes a essa experiência corporificam-se na diversidade de práticas linguageiras mobilizadas pelos alunos no processo de construção dos gêneros que compõem o jornal. Embora este capítulo não apresente uma análise mais detalhada das múltiplas linguagens envolvidas na composição dos gêneros jornalísticos, até porque não é esse o objetivo do texto, podemos considerar que tal capítulo não destoa dos demais, nos quais, consoante demonstraremos a seguir, evidencia-se uma ênfase na análise de gêneros essencialmente multimodais, pelo fato de que não podemos restringir a multiplicidade das práticas de linguagem a uma questão estritamente composicional. Essa parece ser a postura adotada pela obra em foco, ao pensar a multiplicidade na linguagem sob uma ótica bem mais ampla do que comumente se poderia conjecturar.

No capítulo seguinte, denominado de “A leitura teatral no ensino médio: o corpo do texto”, Jaqueson Luiz da Silva e Rutzkaya Queiroz dos Reis põem em relevo uma perspectiva de leitura do texto literário, tendo como pano de fundo a linguagem teatral. Os autores sugerem, por meio da análise de trechos de obras representativas da literatura brasileira e universal, possibilidades de mediação pedagógica, a partir dos quais a linguagem do corpo, do gesto e da voz enreda a construção de sentidos nas diferentes formas de leitura. Esse capítulo oportuniza um redimensionamento das atividades de leitura realizadas na escola, na medida em que sinaliza para a necessidade de teatralizar determinadas passagens de obras literárias diversas, não se restringindo somente ao gênero peça de teatro.

O autor Paulo Ramos, no capítulo “A leitura oculta: processos de produção de sentidos em histórias em quadrinhos”, explora as especificidades da leitura dessas histórias. Nesse sentido, o autor argumenta que “ler quadrinhos é ler também sua linguagem” (p.105). A leitura dos quadrinhos permite a

construção de uma série de inferências, com as quais os alunos do ensino médio necessitam estar familiarizados. Disso deriva a inserção maciça das histórias em quadrinhos nas questões do ENEM, objeto de análise do referido capítulo. Ao utilizar no título do capítulo a expressão *leitura oculta*, Ramos (2013) salienta que, nas histórias em quadrinhos, a produção de sentidos encontra-se articulada à compreensão de informações nem sempre visíveis na tessitura do texto, pois são inferidas, a partir dos conhecimentos textuais e de mundo dos leitores, embora, na natureza compósita desse gênero, alguns indícios verbo-visuais possam ser detectados. Esse capítulo apresenta um viés predominantemente analítico, tendo em vista que os aspectos teóricos, como alguns conceitos da Linguística Textual, são apenas mencionados e indicados, em forma de referência, em seções específicas do texto, materializadas no formato de *links* e intituladas de “Para saber mais”. Reiteramos que o fato de o autor não focar de modo mais profícuo o aparato teórico adotado para discutir o texto não constitui, a nosso ver, uma falha, mas, antes, uma escolha metodológica bem acertada, na medida em que foge do padrão comumente estabelecido de focar a teoria e, em seguida, aplicá-la num *corpus*. Essa escolha, de modo algum, anula a pertinência da discussão desenvolvida no capítulo.

No texto seguinte, Josefa Jaciara Gomes argumenta em defesa da inserção do gênero grafite no ensino médio. Oriundo das culturas urbanas das grandes metrópoles, esse gênero, não raro, é encarado de forma pejorativa ou mesmo confundido com práticas ilícitas e marginais, como a pichação. Com vistas a propor atividades que examinem as características verbais e pictóricas do gênero grafite, a autora analisa alguns exemplares desse gênero, apontando para a possibilidade de tomarmos o grafite como objeto de ensino. Isso implica, segundo Gomes, conceber esse gênero como ação social de sujeitos, principalmente jovens, que vivenciam os dilemas das grandes cidades, e compreendem o grafite como uma alternativa a partir da qual é possível expressar-se, construindo sentidos e identidades. Em síntese, esse capítulo coaduna-se com o

objetivo central da obra, pois permite problematizar as várias linguagens inscritas no grafite e as potencialidades pedagógicas decorrentes de tal gênero. No entanto, a seção teórica não apresenta um olhar singular, pois se alicerça numa discussão bastante “gasta” no que concerne ao ensino de língua portuguesa, principalmente no que se refere às especificidades dessa disciplina no cerne do ensino médio, alardeada por inúmeros autores e por documentos legitimadores do ensino, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEMs) e as Orientações Curriculares para Ensino Médio (OCEMs).

No capítulo “Documentário no ensino médio”, a autora Cristina Teixeira Vieira de Melo busca “despertar o olhar do professor — e do estudante — para certos modos de enunciação típicos do documentário, a fim de que, ao analisar um exemplar qualquer desse gênero textual, ele possa ir além de uma análise puramente temática” (p.137). Seguindo esse intento, o capítulo ancora-se numa perspectiva enunciativa para investigar a constituição de documentários prototípicos, conforme organização postulada por Bill Nichols (2005). A autora ratifica que a análise de documentários pode configurar-se numa oportunidade de construção de um olhar crítico para os jovens, os quais estão imersos numa cultura marcada sobremaneira pelo advento do audiovisual. O capítulo se articula plenamente com a proposta da coletânea, pois considera as complexidades de semioses existentes no gênero documentário como aplicáveis numa discussão sobre esse gênero nas salas de aula do ensino médio. Nesse sentido, as sugestões contidas nesse capítulo, a exemplo da sequência de atividades a serem desenvolvidas com o documentário, como a exibição e a análise, com base na classificação proposta por Bill Nichols, desse gênero audiovisual, constituem alternativas didáticas possíveis de serem executadas no âmbito do ensino médio.

Dando prosseguimento à obra, o capítulo “O telejornal na escola: elementos para seu uso em sala de aula” fornece subsídios para a exploração, em sala de aula, do telejornal. Fernanda C. Castro e Antônio A. Gomes Batista, autores do

texto, além de situarem a importância do telejornal como um dos gêneros mais assistidos da mídia televisiva e de explicitarem as condições de produção desse gênero, apresentam procedimentos didáticos de análise e de produção de um telejornal. Nessa via, o capítulo sugere que o docente desenvolva uma atividade na qual os alunos comparem a exploração de uma mesma temática em telejornais exibidos em emissoras distintas, por exemplo, a fim de investigar o tratamento conferido a este tema na tessitura do discurso audiovisual. Quanto à produção de um telejornal, os autores sublinham que, atualmente, com o acesso a diversas mídias, muitos alunos já possuem habilidades relativas à edição e manipulação de conteúdos audiovisuais, tornando, assim, exequível a produção de um telejornal.

Os pesquisadores Clécio Bunzen e Márcia Mendonça assinam o capítulo intitulado “Revistas de divulgação científica no ensino médio: múltiplas linguagens”. Os autores partem do pressuposto segundo o qual “explorar gêneros de DC [Divulgação Científica] publicados em revistas de DC pode constituir oportunidade de mobilizar conhecimentos e capacidades necessárias ao panorama dos letramentos múltiplos [...]” (p.185). Neste capítulo, o leitor se depara com uma riquíssima discussão acerca dos gêneros da divulgação científica. Mesmo considerando o espaço relativamente exíguo do gênero artigo científico, principalmente no seio de uma coletânea, pode-se constatar a densidade com que os autores problematizam a temática do texto. Desde um apanhado histórico acerca da divulgação científica no contexto brasileiro, incluindo nesse debate as modificações inerentes a esta prática discursiva, passando por um enfoque que privilegia as práticas de letramento da divulgação científica até chegar ao ponto principal do texto, a divulgação científica no ensino médio, o capítulo demonstra uma relação consistente entre as considerações teóricas e as proposições didáticas para o ensino de língua. Na seção relativa à inserção de revistas de divulgação científica na sala de aula, os autores analisam alguns gêneros da DC, buscando investigar as peculiaridades de tais gêneros (os

recursos gráficos, discursivos e visuais, dentre outros), as quais podem ser estudadas em sala de aula.

No capítulo seguinte, Najara Ferrari Pinheiro ocupa-se em conceber o *blog* como uma ferramenta de ensino-aprendizagem. Para tanto, a autora situa esta ferramenta na esfera virtual, delineando o funcionamento do *blog* e investigando a autoria e a interatividade concernente a esse recurso. Como estratégia didática, o capítulo fornece elementos que subsidiam a criação e a manutenção de um *blog*, por parte dos alunos do ensino médio. Na confecção do *blog*, os alunos potencialmente se envolverão numa infinidade de práticas de multiletramentos, em consonância com a natureza híbrida da *web*. Eis o aspecto que, a nosso ver, demarca a singularidade do capítulo na unidade do livro.

No último capítulo, “Vidding: leitura subversiva do cânone”, Roxane Rojo e Eduardo Moura trazem as contribuições advindas dos *viddings* na consecução de um ensino mais reflexivo e em conformidade com as práticas multiletradas e multiculturais da contemporaneidade. Os *viddings* fazem parte da cultura juvenil e, como tais, articulam-se às redes sociais, aos processos de mixagem de vídeos, e normalmente estão atrelados a uma subversão do cânone (música, cinema e literatura, por exemplo). Os autores deste capítulo relacionam a existência dos *viddings* a uma apropriação de elementos da indústria cultural (*trailer*, videoclipe), por parte dos jovens. Atentar para tais especificidades significa em (re)pensar o ensino voltado para as complexidades da vida contemporânea, para o exercício da cidadania, para a cultura audiovisual. Assim, os autores, ao proporem sugestões didáticas com os *viddings*, ancoram-se nessa assertiva.

Finalmente, ante as considerações mais específicas da obra, anteriormente expressas, gostaríamos de focalizar outras duas particularidades, de cunho mais amplo. A primeira diz respeito ao aspecto gráfico e organizacional do livro. Observa-se uma referência flagrante aos modos de textualidade dos gêneros digitais: as caixas de texto em formato de *links* incluem a figura de um cursor; os ícones que acompanham os tópicos

dos capítulos lembram a linguagem digital; o logotipo, através do qual o número de páginas é dado a ver, remete-nos a um *e-book*, dentre outras características. Esses elementos, de ordem estrutural, congregam para a constituição de efeitos de sentido que atrelam o livro ao discurso do digital, às múltiplas linguagens contidas neste espaço. Assim, acreditamos que o digital está ligado à ideia de inovação, espécie de ponto nuclear que rege a estética desta coletânea. A inovação, neste caso, recobre o campo do ensino, dada a premência em incrementar as práticas pedagógicas do nível médio de escolaridade, tendo em vista a proposição dos letramentos múltiplos.

A segunda particularidade constitui o efeito de unidade apresentado pela obra, sem negligenciar os pormenores de cada um dos capítulos. Quando mencionamos unidade, estamos apontando para o fato de todos os capítulos, em maior ou menor grau, convergirem para um objetivo comum. Tal objetivo consiste em proporcionar subsídios teórico-metodológicos para a constituição de um ensino médio profícuo, principalmente no âmbito da disciplina de língua portuguesa, a fim de elidir os resultados de rendimento escolar insatisfatórios de que falávamos no início desta resenha. Esse ponto, aliado a tudo que afirmamos aqui, esboça a importância e a singularidade da obra.

Referências

NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.